

A BORBOLETA

CONSUMMATUM EST!

... Ubi crucifixerunt eum, et cum eo alios duos, hinc et hinc, medium autem Jesum.

(E. secundum Joannem, cap. 18—19)

Começou a empallidecer o sol, já não cantavam as aves, e as nuvens encastelavam-se sombrias no horisonte.

Estamos no Calvario.

Uma Cruz ergue-se entre duas cruzes.

E' um patibulo, é um arranco de dôr, é uma agonia!

Jesus está alli.

A sua cabeça santissima reclinou-se no madeiro infamante.

O sangue corre em fio do seu corpo.

Um véo d'immensa agonia cobre-lhe o rosto formoso.

Jesus vaç morrer... Escutem... Murmura uma palavra... Reclina a cabeça... Morreu.

Onde está o lyrio a refflorir o azul das suas petalas?

Onde está a rosa a vicejar a sua corolla esplendida?

Onde está a pomba innocente a beijar a pomba dos seus amores?

A natureza tomou um véo de tristeza.

A natureza entrajou o crépe funebre.

Nem uma aragem doce, nem uma luz matutina, nem um raio de sol!

Trevas!

O' doce Jesus! assim deixas a terra?

Quando aqui vivias, o teu amor era a esperanza de todos os corações, a consolação de todos os infortunios.

Quando aqui vivias, o paralytico levantava-se do leito, o cego recobrava a vista, o leproso purificava-se.

Na montanha, a tua palavra santissima era amor—amor nas margens ridentes do Tiberiades—amor aos pés dos teus apóstolos.

Para que bebeste até ás fezes o calix das amarguras?

Ah! a humanidade é a dôr, a humanidade é o gemer constante da tempestade e a agonia suprema da morte!

Que seremos sem ti?

Foste lá para o alto.

Deviam ir contigo os teus anjos, para e collocarem no throno de Deus.

Era a tua patria e a tua corôa!

O' Santo dos santos! Se a vida, aqui, é tão agitada e tão dolorosa; se a vida, aqui, é tão densa de trevas; se a vida, aqui, é tão ingrata e sem amor, leva-nos para ti, abre-nos o teu seio, dá-nos da tua gloria.

A tua Cruz é o symbolo do teu amor. As gerações, que têm passado, viram a tua Cruz a frondejar e a refflorir fructos novos. Hoje, como hontem, passa de bocca em bocca um cantico para a saudar.

Hoje, como hontem, a tua Cruz é o refugio dos que soffrem, é a esperanza dos que choram, é a dôce e meiga alvorada dos ceos.

Bem dita Cruz!

M. DE C.

ANGELICA

Eu nunca penso no teu rosto, Angelica, Sem me lembrar d'um jasmineiro em flôr: Teus d'elle tudo: — a côma nivea, canticos, Aromas, sonhos, impulsões d'amor.

Dão-te á porfia madrigaes idyllicos. Protestos, queixas, indistinctos ais, Aves — poetas das balseiras flôridas, Poetas — aves dos jardins ideaes.

Fallas? gorgea um rouxinol suavissimo! Ris? desabrocha ao jasmineiro a flor! Choras? do orvalho as matutinas perolas Vestem de luz o immaculado alvor.

Quando perdido n'este mar sem términos Te avisto ao longe, reparando em mim; — Se acaso, penso, ao meu extremo anhelito Me desses sombra, ó divinal jasmim!

Se recostado sobre o musgo flácido A vêr distante o largo mar e o ceo, Morresse envólto em tuas folhas murmuras!... Causára invejas o que alli morreu!

Tu és o arbusto dos canteiros mysticos, Eu, o Ashavero que procura em vão. Que vá? que passe?... Ainda e sempre!... enganas-te,

Eu já não posso caminhar mais, não.

Caneei! prendi-me embellezado e exánime; Deixa-me agora descançar aqui! Que eu viva e morra n'este immenso jubilo A vêr-te, a ouvir-te, a delirar por ti!

Ha no Oriente a mancenilha mórbida,
 Branda, florente e de mil crimes ré;
 Não é da sombra, é dos aromas lúbricos,
 Que vem a morte ao que lhe dorme ao pé.

Morrer é bom, se nos momentos ultimos
 Da grande luz, d'apaixonada flôr
 Se gosa em cheio ! e se n'uns olhos humidos
 Floreja um pranto de saudoso amor !

Deixa que eu morra á tua sombra, e abraça-me!
 Peno sem ais ! morro sorrindo !—vê !
 E' tam suave o teu aroma célico !
 Tam basta e branda essa folhagem é !

Nas horas tristes, quando a noite gélida
 Me arrefecer, não chores, não ! sorri !
 Feliz, feliz o que no extremo anhérito
 Pensar em Deus, no paraíso, em ti !

THOMAZ RIBEIRO.

CONFERENCIA ARCHEOLOGICA DA CITANIA

Tem de ter lugar no Domingo 8 d'Abril—no monte de S. Romão em Briteiros na direita do rio Ave—a conferencia archeologica da Citania, annunciada ha muito para depois da Paschua.

Os problemas a que dão lugar aquellas ruinas venerandas—exploradas methodicamente nos ultimos tempos—nem são poucos em numero, nem de pouca valia para a nossa historia antiga.

Podem elles reduzir-se no entanto a 10, formulados pouco mais ou menos do seguinte modo :

I

¿O nome de *Citania*, dado ás ruinas do monte de S. Romão em Briteiros; e dado ainda a ruinas d'outras localidades, como nos montes da *Saia*, de *Róriz*, e de *S. Fins de Ferreira*; é um nome da mesma cathogoria que *cividade* e *cidadelhe*, com que são designadas entre nós outras ruinas de povoações ?

¿E' *Citania* emfim um nome particular, indicativo da *Cinania* de Valerio Maximo ?

II

¿O nome de *Citania*, salva a desinencia, é o mesmo que *Cytian* das Ilhas Britanicas, de que nos dão conta os archeologos inglezes ?

¿Terão *Citania* e *Cytian* a mesma etymologia; e exprimirão a mesma cousa ?

¿Que póde em fim haver de commum entre o nome de *Citania*, e outros nomes antigos das Hispanias com desinencia igual ?

III

¿A *Citania* de Briteiros, e nomeadamente as suas fortificações e as suas casas, são anteriores á conquista romana, ou posteriores a ella ?

¿Que nos cumpre inferir da comparação d'estas construcções com o asserto de *Vitruvio*, affirmando que as casas nas Hispanias eram de madeira—não de pedra ?

IV

¿As construcções da *Citania* de Briteiros, manifestando mais que um caracter d'ancianidade; comparadas com os diferentes monumentos do seu recinto; auctorisam-nos a suppor, que n'ella habitaram povos de diferente raça, e com diferentes costumes ?

¿Auctorisam-nos a suppor successiva essa habitação, ou a suppol-a simultanea ?

¿Auctorisam-nos emfim a differençar, em raça e costumes, a esses povos da *Citania* ?

V

¿Como provia a *Citania* de Briteiros a necessidade da agua nos usos da vida ?

¿Servia-se d'agua nativa, ou de cisterna ?

¿Tinha emfim communicação com o rio Ave no poço da Ola, por meio d'uma estrada encoberta, como resa a tradição da localidade ?

VI

¿Que industrias alimentava a *Citania* de Briteiros dentro em si, em vista dos diferentes restos d'artefactos, que tem sido achados nas suas ruinas ?

¿Revelam-se, n'estes restos, industrias extranhas á localidade, com indicios dos povos a que pertencessem ?

VII

¿A que usos era destinada na *Citania* de Briteiros a *Pedra Formosa* ?

¿Auctorisa-nos a sua observação a suppor alguma correlação entre este monumento, e o monogramma gravado em mais que um objecto das ruinas ?

VIII

¿Auctorisam-nos as ruinas da *Citania* de Briteiros a determinar o rito funerario dos seus habitantes ?

¿Póde a comparação, pelos dados fornecidos por descobertas de necropoles de povoações analogas, atinar com o local das sepulturas, em que na *Citania* eram collocados os restos dos mortos?

IX

¿E' a *Citania* de Briteiros a designada com o nome de *Gitanio*, no *codice* do concilio lucense do rei *suevo Theodomiro*; e com o nome de *Letania*, no *codice* da divisão das sédes prelaticias do rei *godo Wamba*?

¿E' a designada emfim com o nome de *Citanio*, em *codices da mitra de Braga*—documentos presumiveis de maior pureza em nomes locais, como da propria séde primaz?

X

¿Como desapareceu d'entre as povoações coevas a *Citania* de Briteiros?

¿Pereceu em guerras com extranhos, ou em luctas intestinas?

¿Que nos auctorisam a inferir, a este respeito, as ruinas do monte de Sabrôso em Sande, e do monte de Santa Iria em Lourêdo, com as ruinas dos montes fronteiros na esquerda do rio Ave?

s. e c.

Os seguintes mimosissimos versos do nosso distincto collaborador e presado amigo Vicente Novaes foram inspirados pelo tragico desenlace duns amores, que uma encantadora creança entretivera com um moço muito conhecido, e estimado n'esta cidade, e a qual se suicidou ha dias em Lisboa.

A J. F.

—na morte de Blanca Vial—

Morreu pensando em ti na hora derradeira;
Nem um sorriso mais aos labios teus se afoite!..
Vae tu bejar-lhe a campa, ó flôr da laranjeira,
Chorae-a longo tempo, ó rouxinoes da noite!..

Modulae, modulae os timidos gorgeios;
Não brilhes mais no ceo, estrella azul do norte!
E vós, lirios do monte, abri os castos seios,
Vazae o doce arôma em seu leito de morte.

O' terra, occulta-a bem, envolve-a toda em flôres,
Não deixes que algum vérme ao lado seu se acoite.
Ide velar-lhe a campa, archanjos scismadores!
Chorae-a longo tempo, ó rouxinoes da noite!

Lisboa.

V. NOVAES

EXTRACTOS

(Continuação)

Martim Coelho, foi sentenciado por crime de lesa-magestade; e seu filho succedeu nos morgados, e da mesma fórma nos senhorios de terras possuidas por seu pae.

«Lopo d'Azevedo, foi sentenciado pelo mesmo crime: não tinha morgado; mas os senhorios de terras, possuidos por seu pae, passaram a seu filho.

«O Infante D. Pedro, foi julgado criminoso de lesa-magestade; porém el-rei restabeleceu a seu filho em todas as honras, e dignidades antecedentes.

«D. Diogo, duque de Viseu, foi morto e sentenciado pelo mesmo crime, e confiscados todos os seus bens. Não deixou filhos legitimos, mas um bastardo seu, que, por esta circumstancia de nascimento, não succedeu nos morgados. Tão longe esteve de lhe prejudicar o crime de seu pae, que casou na casa de Villa Real; e lhe deram o emprêgo de Condestavel, occupado algumas vezes pelos Senhores Infantes.

«D. Alvaro d'Ataide, filho segundo da casa d'Atouguia, e seu filho D. Pedro d'Ataide, foram sentenciados pelo crime de lesa-magestade: cuja sentença, pela ausencia de D. Alvaro, teve somente execução em D. Pedro, que foi morto e esquarterado em Setubal; — e isto não obstante, passou toda a casa herdada por esse ultimo de sua mãe, a seu filho D. Fernando: do qual, fallecendo sem successão, passaram os morgados a quem tocavam; mas os bens da corôa foram dados a D. Antonio, filho do segundo matrimonio do dito delinquente D. Alvaro. Este D. Antonio, conde da Castanheira, Vêdor da fazenda, e Grande Privado d'El-Rei D. João III, é, por filhos e filhas, avô da maior parte da nobreza da Côrte.

Fernando da Silveira, escrivão da Puridade d'El-Rei D. João II, primogenito do Barão d'Alvito, foi culpado e sentenciado pelo dito crime: — fugiu para França, onde teve o atrevimento de escrever injuriosas cartas a El-Rei: — foi morto n'este Reino, por ordem do mesmo Soberano a quem tinha tão gravemente offendido, sendo Ministro da execução o Conde de Pallas, Catalão. Mas não obstante tudo isso, seu filho D. João foi restabelecido, e como tal casou illustremente. Foi Commendador de Montalvão, Governador de Ceylão, Trinchante d'El-Rei D. João III, e seu Embaixador á França.

«D. Fernando de Menezes, terceiro filho do Conde de Vianna e irmão do Conde de Loulé, foi culpado e justificado pelo mesmo crime, e confiscados os seus bens. Não consta que tivesse morgados; mas soube-se que lhe sobrevieram seus filhos, dos quaes os dous primeiros casaram illustremente; e dos bens da Corôa, que vagaram pelo delicto de seu pae, D. Diogo segundo d'este nome deu principio á casa de D. João de Menezes; e o terceiro filho do dito criminoso, seguiu a vida ecclesiastica, e foi Desembargador do Paço, cujo emprêgo n'aquelle tempo, era occupado por fidalgos.

«O Conde de Penamacôr foi culpado do mesmo crime; porem seu filho D. Garcia d'Abuquerque foi restabelecido, e teve o logar de Copeiro Mór de El-Rei D. João III.

«O Conde de Faro, irmão do Conde de Monte-Mór, foi culpado do crime de lesa-magestade; mas seu filho D. Sancho de Noronha, foi restabelecido, e foi Conde de d'Odemira, senhor de muitas terras, e Alcaide-Mór de Estrémôz.

«Martinho de Castro do Rio, foi culpado e esartejado, pelo crime de lesa-magestade; porem seu filho Jorge Furtado de Mendonça, foi restabelecido: — casou illustremente, e teve maior estimação do que antes do delicto tivera seu pae. D'elle descendem os viscondes de Barbacena.

«O Marquez de Villa Real, seu filho, o Duque de Caminha, D. Agostinho Manoel Conde de Armamar, e Fernando Telles, foram sentenciados por crime de lesa-magestade. Os quatro primeiros foram degolados; e o quinto queimado em estatua: — a todos foram confiscados os bens; e como só Fernando Telles tivesse filhos, as estes passaram os morgados, e aos outros delinquentes a quem de direito pertenciam.

«Francisco de Lucena, foi julgado e justificado por crime de lesa-magestade; e da mesma fórma o Senhor de Regalados: — um dos Soares d'Alarcão: os Mascarenhas de Montalvão: D. Raymundo 5.º Duque d'Aveiro; e outros; foram reputados criminosos, sentenciados como taes, e confiscados seus bens: alguns d'estes tinham descendentes, a quem passaram os morgados; e alem d'isto conservaram as mesmas honras, que teriam se seus ascendentes permanecessem innocentes.

«Francisco Maldonado, e Francisco de Mendonça, foram julgados por traidores; e como taes justificados e confiscados seus

bens. Nenhum d'estes tinha filhos legitimos; mas Francisco de Mendonça deixou uma filha bastarda, que conservou a mesma estimação, que tivera, se seu pae não commettêra o delicto. Casou competentemente ao seu nascimento, com descendencia nobre, que d'ella tambem tomou o appellido.»

*
* *

E não se continha na dita representação mais alguns d'estes *edificativos* e *patrioticos exemplos* da fidalguia d'estes reinos contra reis portuguezes—postoque o sabio advogado diga—*muitos outros factos semelhantes ommitte, para não abusar da real paciencia.*

Devia ser uma suprema alegria para D. José estar-se mirando n'este eloquente sudario de lusitanas heroicidades.

Já houve tempo, em que se dizia valer a pena matar um rei; hoje roga-se a Deus por elles, para que lhes não succeda... *alguma cousa peor.*

F. CASTIÇO.

O COLLAR DE SAFIRAS

Poesia dedicada a sua magestade a rainha a sr.^a D. Maria Pia

Era um pobre casebre. Os muros em— ruinas. A porta — espedaçada. O pavimento — lama. No tecto, que desaba, escorre o colmo e rama que os caibros a ranger mal prendem nas esquinas. Tristissimo theatro! Inda é mais triste o drama.

Cravado na parede um resto de candêa, que o impeto do vento extingue por instantes, desenha por ali mil sombras cambiantes em phantastica dança, apavorando a idéa com sinistro scismar, visões extravagantes.

Existe gente ali! N'um canto do casebre ouve-se o respirar difficil e afflitivo d'alguem, que só na dôr se conta ainda vivo, a espaços delirando ao requeimar da febre. Ao lado um outro vulto immovel, pensativo.

Tem seis annos sómente a misera creança que vela pela [mãe deitada, agonisante! Cae-lhe nos hombros rús o pallido semblante com a expressão da dôr sem raio d'esperança. Ouviu-se de repente um grito penetrante.

Ao som d'aquella voz, ouvindo aquelle grito a mãe ficou suspensa, ó santa maravilha no humbral da eternidade! e ali no peito afflicto sentiu que a morte sim arranca a mãe á filha, mas todo o amor de mãe vac n'alma ao infinito.

E a creança repelia:
 « Mãe, minha mãe, que ventura!...
 (Eram gritos de alegria)
 « Vem rasgando a noite escura
 « a estrella que traz o dia.

« — *Ó minha filha, que dizes!?*
 Murmura a mãe assustada,
 « Dorme, dorme desgraçada,
 « E' o que resta aos infelizes,
 « é dormir . . . Não sentem nada . . .

« — Não, minha mãe, vejo a estrella,
 « Verás, verás que não tarda . . .
 « Não tarda, espera, vaes vel-a,
 « e conduzido por ella
 « vem o meu anjo da guarda.

« Ai! minha mãe, como brilha
 « a estrella! . . . O anjo! . . . Lá vem...
 « Olha... Não ouves tambem?
 « Diz que vaes ter outra filha
 « e que eu vou ter outra mãe!

E a mãe, que a julga em delirio,
 abraça a filha querida.
 Era a eus da despedida,
 ultima dor do martyrio,
 ultimo alento da vida.

Mas subito desponta um astro ou luz divina,
 e um jorro d'essa luz que logo a casa inunda
 suspende a que s'esvae no olhar da moribunda,
 que vê dois anjos, um na filha pequenina
 a dar-lhe n'um sorrir consolação profunda.

E outro. Na incarnação d'esse dever sublime
 que é, como o sol na esphera, a luz da humanidade
 e, como o sol conquista azul á immensidade
 conquista corações onde a má sorte opprime,
 como irmão por irmão contra a fatalidade.

O anjo entrando ali, como se fosse um astro
 que assoma ao pôr do sol dentre uma nuvem d'oiro,
 desata em aureo manto o seu cabello loiro
 que rola em turbilhões no colo d'alabastro,
 como a creança o vira em seu ridente agoiro.

Depois de o desprender das traças ondulantes
 entrou a desfiar no fio reluzente
 d'um soberbo collar de esplendidas diamantes
 que ali semeiou no chão. Passados uns instantes
 já tinha fecundado a provida semente.

E ahí tendes o meu quadro. A resair do fundo
 junto ao espectro da morte o espectro da orfandade
 que abraçam filho e mãe no adeus da eternidade.
 No fundo par em par as portas do outro mundo
 e dominando o quadro um anjo—A Caridade.

Transformação agora. A noite é manhã pura.
 Onde a miséria foi rojando o manto esqualido
 em todo o seu horror—ha lume, ha pão, fartura.
 Succede o riso ao pranto em cada rosto pallido
 e ao silencio da dôr cantares de ventura.

E em quanto do levante um raio do sol nado
 retalha a nuvem negra em esfumadas tiras,
 subindo no collar em lucidas espiras
 scintilla baga a baga o pranto consolado
 que a gratidão converte em fio de safiras.

Pendendo assim das mãos da angelical imagem
 como espia lançada ao pégo da indigencia
 reflecte-se o collar na etherea transparencia
 e é d'estrellas, que além na celestial miragem
 o estende para o anjo a mão da Providencia.

Lisboa.

FERNANDO CALDEIRA.

CINTRA

Oh! Cintra! oh! saudosissimo retiro

*Quem descançando á fresca sombra tua
 Sonhou senão venturas?*

(GARRETT)

Cintra, é um sitio deveras encantador;
 principalmente assim o julga quem ainda não
 visitou o Minho e mesmo alguns pontos de
 Tras-os-Montes. Reune entretanto a natu-
 reza com a arte, formando um conjunto
 agradável. O bom gosto aproveitando aquel-
 las serras asperas, feracissimas ás vezes,
 imponentes, magestosas, converteu Cintra
 n'um eden de formosas quintas, nas quaes
 a par das flores varias, de delicados per-
 fumes, se observam as enormes rochas es-
 calvadas e informes,—resultando deste mis-
 to um quadro surprehendente.

Cintra, que foi o enlevo de Byron, que
 é o encanto dos estrangeiros que a visi-
 tam, não o é menos da aristocracia que
 ali vae gosar as bellezas campestres na
 estação calmosa. De certo que deslustra os
 pergaminhos aquelle nobre fidalgo que não
 tem casa em Cintra, que não vae estar dois
 mezes nas Caldas e acabar o verão em Cas-
 oaes.

Quem gosta de arvores, cujos ramos
 frondosos parecem elevar-se até ás nuvens,
 deixando a custo penetrar os raios do sol;
 quem gosta de ouvir o murmurar doce da
 fonte, por entre a mais espessa verdura,
 quem gosta de ver os penedos elevados
 que parecem prestes a desabar; quem ama
 contemplar vastos horisontes e respirar
 bom ar, embalsamado de perfumes agrestes,
 puros e saudaveis, e de beber agoa crista-
 lina e saborosa, da qual diz Camões na sua
 canção XV:

Por meio de humas serras mui fragozas,
Cercada de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas ;

quem gosta de tudo isto, encontra-o em Cintra. O espirito tem lá as gratas emoções que produzem este conjunto maravilhoso. Debaixo d'aquellas grandes arvores, sentado na pedra informe, junto d'uma fonte, escutando o seu murmurio, e ouvindo, empoleirados nos ramos, o gorgear dos passarinhos, levam-se os suavissimos cantos de Soares de Passos, cantos em que se encontra o sentimento, a harmonia e a philosophia.

Eis já o livido outomno
pesa o manto nas florestas,

diz o poeta, e quem ao ler estes versos n'aquella melancolica estação e contemplando as folhas das arvores a desprenderem-se uma a uma, não sente a tristeza d'aquelles hymnos a reflectir-se na alma?

N'esse formoso *adn*, como diria um arabe, deixe-se o espirito por instantes desprender das amargas scenas da terra, e contemplando aquellas da natureza sentir-se-ha o espirito menos fatigado.

E' surprehendente subir a um desses elevados montes, e contemplar as diversas povoações espalhadas aqui e além. Nafarro, Morlinho, Robeira, Assanhas do Mar, Madre de Deus, S. João, Durno, Tarruge, Almarge, Cheleiros, Pena, Pero Pinheiro, Collares, Almaçagena, Penedo, Cabris, Sertono, Lourel, Villa Nova de Estefania, uma bonita fileira de casas, uma povoação nascente, em vasto campo e a dois passos de Cintra, a que mais tarde algum caminho de ferro deve produzir grande desenvolvimento. As casas são pequenas, mas todas com seu bocadinho de jardim, fechado por uma grade.

Cintra está a 28 kilometros para o occidente de Lisboa. Era povoação já nobre no tempo dos romanos, a antiga Cynthia dos Galos Turdulos, conquistada primeiramente aos nossos por Affonso IV de Leão, tornando a cahir em poder dos barbaros, até que a tomou D. Affonso Henriques, depois da conquista de Lisboa.

«Com ambos os nomes (Tagro e Artabro) diz Lope de la Vega, o celebrou a fama por todo o orbe, e hoje o celebra e engrandece com o admiravel e honorifico de Serra de Cynthia, nome herdado ou

concedido da formosa Cynthia, notavel fama e immortal memoria de inclitos romanos, tão exaggerada em historicos livros, tão decantada em peregrinos codigos, como em lyricos metros, heroicas canções, insignes poemas, em outros tempos mais admiraveis e felizes, celebrada, assim, pelos incomparaveis mosteiros, palacios de Deus n'ella fabricados, como pelas povoações famosas e amenissimas ao pé da mesma serra collocadas, e mais principalmente pela magestade e gentileza da famosissima Cynthia, formosissima rainha de todas ellas, precioso palacio, delicioso throno, generosa cifra de grandeza, dedicada ao entretenimento de poderosos reis e monarchas: erguendo-se com o peregrino nome de Serra, para maior braso e immortal epigramma de grandesas.»

(Continua)

G.

AOS ANNOS DE...

Coroadada a Aurora de jasmims e rosas,
As portas do Oriente abriu ao dia ;
E o Delio nume derramando as luzes,
No mundo espalha insolita alegria.

Como que remoçada a natureza,
Vestindo novas gallas, novo encanto
Abrindo o seio d'alegria aos gôzos,
Entoa fausto, natalicio canto.

E's tu, Marilia, do prodigio a causa ;
Teu dia d'annos tal mysterio encerra :
Os ceos sorriam, bemdizendo o instante
Em que Deus te enviou por mimo á terra.

Oh ! volta assim mil vezes este dia :
Renove vezes mil tão santo gôzo ;
Da ventura te cerquem sempre affagos,
Ditosa ao lado de teu caro esposo.

Braga.

CORREIA JUNIOR.

EMMELINA

(Versão da Alfredo de Musset)

(Continuação)

Se não estava no pateo, encontrayam-n'a, ao fundo do parque, n'um verdejante

comoro no meio dos rochedos : era um verdadeiro deserto de criança, como o de Rousseau em Ermenonville, tres penedos e urzes ; sentada á sombra, cantava em voz alta, lendo as orações funebres de Bossuet ou quejandas obras. Se ainda não estava alli, então corria a cavallo pelos vinhedos, obrigando algum rossim da herdade a saltar fossos e escadas, divertindo-se sózinha á custa do pobre animal com imperdoavel serenidade. Se não a encontravam nem na vinha nem no deserto, nem no pateo, estava provavelmente junto do piano, traduzindo uma nova partitura, com a cabeça inclinada para diante, os olhos brilhantes e as mãos trémulas ; a leitura da musica absorvia-a toda, e palpitava d'esperança, pensando que ia descobrir uma aria, uma phrase do seu gosto. Se, porém, o piano estava mudo, como tudo o mais, veriam então a senhora da casa, sentada ou antes acocorada sobre uma almofada, ao canto do fogão, atizgando o lume com a tenaz. Seus olhos distrahidos procuravam nos veios do marmore figuras, animaes, paisagens, mil alimentos de devaneio, e, assim abstracta, queima a ponta do pé com a tenaz abraseada.

São verdadeiras loucuras, dirá o leitor ; mas eu affirmo-lhe que não faço um romance.

Apesar das suas doidices, a viveza do seu espirito attrahiu junto d'ella uma sociedade escolhida. Em 1820, o senhor de Marsan foi obrigado a ir á Allemanha por causa d'uma herança, da qual não colheu resultado. Não quiz levar sua mulher, e confiou-a á marquezia de Ennery, sua tia, que veio habitar o Moinho de May. A senhora d'Ennery era uma mulher de principios pouco severos ; fôra bella nos bons tempos do imperio, e caminhava com certo donaire, como se ainda arrastasse um vestido de cauda. Um velho leque de plumas, que nunca a deixava, servia-lhe para occultar o rosto, quando de proposito deixava escapar algum dito livre ; mas tinha sempre a decencia ao alcance da mão ; apenas o leque se abaixava, as palpebras da senhora faziam outro tanto. A sua maneira de ver e de fallar causou ao principio inexplicavel admiração a Emmelina ; porque, apesar do seu estouvamento, a senhora de Marsan ficára muito innocente. As graciosas narrações de sua tia, a maneira porque ella encarava o casamento, os seus sorrisos disfarçados quando fallava das outras, os seus ais quando fallava de

si mesma, tornavam Emmelina ora séria e estupefacta, ora louca de prazer, como se estivesse lendo um conto de fadas,

Quando a velha dama viu a *Alameda dos Suspiros*, adivinha-se que a achou muito bonita ; a sobrinha, porem, acompanhou-a por condescendencia. Foi alli que Emmelina viu, através d'um diluvio de frivolidades, o modo como viviam os parisienses.

N. ALBERTO DE SOUSA.



O TRABALHO

Hoje é o trabalho o campo da batalha.

(Thomaz Ribeiro)

Trabalho, palavra magica
como a voz da immensidade !
Trabalho, sonoro cantico
como a santa liberdade.
E's o pão que nos dá vida,
conforto na eterna lida,
fada d'encantos cingida
dos sonhos da mocidade.

Trabalho, que sol esplendido
erguendo n'um mundo santo
contra a vontade do despota
o pobre banhado em pranto.
Santa ideia que illumina
hoje o templo da officina,
como do campo a bonina
das perlas de doce encanto.

Pelo teu verbo grandiloco
tem-se quebrado as algemas,
regado com muitas lagrimas
do povo eternos poemas.
Tens aberto o grande abysmo,
onde medrava o cynismo ;
tens o sol do christianismo
brilhando em teus doces lemmas.

E's hoje a formosa cupula
que tem a democracia,
a nova luz, novo apostolo
que o verbo santo annuncia.
Eterno, grande sacrario
que dá vida ao operario
como a Cruz que do Calvario
o mundo remiu n'um dia.

Oh ! povo, vêde essas paginas
que a maldição só concebe,
quando nos seculos barbaros
eram somente — vil plebe ! —

E vêde a nova conquista:
tu hoje és nobre, ó artista,
e a sociedade bemquista
nos seus braços te recebe.

Salvè! pois ó luz magnetica,
que o verbo novo illumina;
Trabalho, ó astro mirifico
templo santo da officina.
E's hoje da humanidade
o pharol da liberdade
onde a nova sociedade
recebe a chamma divina.

Lisboa.

C. GOODOLPHIM

ELVIRA

(Continuação)

—Consentindo no nosso enlace, disse a baroneza fitando-me.

—E porque não hei-de eu consentir eu unir-me á mulher que é o meu unico enlevo, a unica que pode fazer a minha felicidade amando-me?

« Poucos dias depois celebrou-se o meu casamento com a baroneza, que é a tua pobre mãe. Completei os meus estudos e depois de ter o grau de bacharel fui viver com tua mãe, para a casa onde tu nasceste. Declarou-se essa guerra fraticida, e eu como nobre fui servir o imperador. Quando abandonamos a casa onde habitavamos em Lordello do Ouro, contavas tu apenas doze primaveras, mas já tinhas recebido uma esmerada educação n'um dos principaes collegios da cidade.

Agora que vivemos na solidão, longe do redemoinho vertiginoso das cidades; agora que eu estou com os pés junto da sepultura, que me hade recolher, penso em ti, no teu futuro. Descjava ver-te esposa e mãe, se possivel fosse, antes deixar este mundo. Que prazer eu teria se embalasse nos meus braços, já debeis, os ternos netinhos! »

Elvira, que durante a narração dos amores de seu pae se conservara alegre, empallideceu ao ouvir o barão pronunciar as ultimas palavras.

—Não pense em mim, papá. A sua vida ainda deve ser longa, e teremos tempo de sobejo para pensar no meu futuro.

—Não, minha filha. A vida é sonho que mente, visão que illude, luz que se apaga, sombra que foge, flor que murcha, esperança que engana e fumo que se desvanece. A'manhã talvez eu já seja cada cadaver. Lego-te um nome impolluto, e alguma fortuna; e, para que tu possas viver feliz, é necessario teres um marido. Bem sabes que tua mãe já é velha e que não pode viver muito mais tempo. Ora diz-me: No teu coração ainda não desabrochou essa mimosa flor a que chamam amor?

Elvira pareceu enleada com a pergunta do pae. O seu rosto então pallido como o das Virgens d'Ariosto foi coberto por nm vivo rubor.

—Não, papá; ainda não aspirei o perfume d'essa candida flor que é o adorno do coração de quasi todas as donzellas.

Elvira mentia. O seu coração ha muito que estava embalsamado pelos odores d'essa purpurina rosa que a uns dá a felicidade e a vida, e a outros a desgraça e a morte. Amava!

—Tentas enganar-me, Elvira?

—Não, papá; disse-lhe unicamente a verdade.

—Admira que nenhum d'esses mancebos frequentadores de nossa casa...

Elvira interrompeu-o:

—Devem ser *bons* esposos.

E a donzella soltou uma gargalhada.

—Não digo que todos elles fossem esposos exemplares. Mas Alvaro...

—Esse prima pela maneira como põe a gravata Mas deixemos o resto d'esta conversação para amanhã. E' noite fechada e eu vou visitar a mamã. Até logo.

Elvira retirou-se. O barão ficou pensativo por alguns minutos, depois exclamou:

—Ah! é forçoso que Elvira dê a Alvaro o nome de esposo. No caso contrario está perdida a minha reputação e a de minha familia. Só Alvaro é que está de posse do meu sogredo. Forcejarei por vencer Elvira.

(Continua)

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS.